

3

SAPATOS: SIMBOLISMO x FUNCIONALIDADE

Este capítulo procura apresentar um pouco da história dos sapatos a partir de certos eventos pontuais que marcaram. Tais eventos levam o leitor à compreensão de que em um dado momento da história tem-se que a função primária a qual os sapatos se destinavam – proteção – cede paulatinamente lugar à exaltação do *design* e da elegância. Esta mudança não será apenas temporária, mas será absorvida e assimilada pela sociedade.

Em seguida, este capítulo discute a questão da representação de signos e símbolos característicos de cada cultura, pois estes espelham valores e elementos inerentes à realidade social e à criação intelectual, científica ou artística. Pinturas corporais, escarificações e vestimentas, bem como calçados e adornos utilizados por cada membro de cada grupo, cultura ou sociedade são carregados de significações, que transcendem funções utilitárias para expressar *status*, fetiche, etc.

Por fim este capítulo aborda a questão do fetiche sob a ótica da psicologia. O fetiche, aos olhos de Freud, relaciona-se à atribuição de poder a um objeto inanimado. Tal objeto teria a incumbência de re-simbolizar o corpo, mesmo que às custas de torturas e privações. Os sapatos chamados “Lótus Chinês”, populares entre as mulheres chinesas durante séculos, por exemplo, exigiam que um longo e doloroso processo de amarrações fosse realizado nos pés das meninas a partir dos três anos de idade, para que seus pés se transformassem nos delicados e deformados “Pés de Lótus”, a parte mais erótica do corpo de uma mulher, aos olhos dos membros daquela sociedade. O flagelo do corpo se transformava então em objeto de desejo.

3.1

Histórico/ características/ funções

Do Antigo Egito à Mesopotâmia, os calçados estiveram presentes, muito embora em cada lugar por diferentes razões. O clima quente do Egito pedia sandálias feitas de palha, papiro ou fibra de palmeira, entretanto elas não eram usadas com frequência, mas apenas em caso de necessidade, para proteção contra as areias do escaldante deserto. Apenas as imperatrizes egípcias utilizavam sandálias com frequência, porque estas lhes permitiam prender pedras preciosas a seus pés.

Em Roma, as sandálias eram utilizadas como acessórios para compor a roupa; enquanto na Mesopotâmia e Grécia, além de representarem um acessório, indicavam a classe social. Já na Grécia, era comum encontrar-se modelos diferentes para os pés direito e esquerdo, enquanto na Inglaterra, pobres, camponeses, e mesmo os ricos usavam tamancos que não apresentavam diferenciação alguma entre os pés direito e esquerdo (UNIVERSO DA MULHER:2005).

Foi a partir da idade média que a história dos calçados começou a ganhar impulso na Europa. Neste momento, valores judaico-cristãos começaram a entrar em cena, e os pés desnudos de outrora, exibidos em delicadas sandálias, tornam-se símbolos de vergonha. Assim, o pudor judaico-cristão apropria-se dos calçados e de suas formas, que então se fecham (RUIZ:2004).

Surgem, então, as fivelas, cadarços, saltos e proeminentes bicos. Até mesmo os sapatos de ferro, presentes nas armaduras daquela época, passam a adotar esse padrão com bicos revirados. Por volta desta mesma época, Eduardo I, então Rei da Inglaterra, decreta um método de medida para determinar o número dos calçados, que, a propósito, está em voga até os dias de hoje. De acordo com tal método uma polegada equivaleria a três grãos (UFG:2006).

Já na China, um costume que data do século X diz respeito a um doloroso processo ao qual as bailarinas da corte imperial submetiam-se para impedir o crescimento natural dos pés, a fim de conservá-los pequenos dentro de delicados calçados conhecidos como “lótus chinês”. O costume foi absorvido pela classe alta como um rito de passagem para as chinesas das boas famílias, tornando-se

marca de *status* na Dinastia Sung (960-976 e.c.). As jovens chinesas, entretanto, começaram a ter seus pés amarrados tão cedo e de forma tão apertada que se tornaram incapazes de dançar, e mesmo o caminhar tornou-se algo penoso. Historiadores relatam que esse costume permaneceu até 1949, quando então, com Mao Tse Tung, o sistema comunista foi implantado. Hoje esta prática é ilegal, contudo ainda é possível encontrar-se idosas senhoras chinesas com “pés de lótus” longe dos grandes centros urbanos (THE VIRTUAL MUSEUM OF THE CITY OF SAN FRANCISCO:2005).



Ilustração 23: Velha senhora chinesa de 79 anos chamada Xiao Xou-Xiang lavando cuidadosamente seus deformados “pés de lótus” (NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY: 1998).

De volta ao ocidente,...

Os calçados masculinos e femininos do final do século XV não apresentavam distinção. Os primeiros movimentos no sentido de uma diferenciação ocorreram por acaso. Carlos XVIII, então Rei da França, por possuir seis dedos em cada pé, sentia a necessidade de encomendar calçados de bico quadrado bem mais largos que os usuais. A moda acabou se espalhando pela Europa (JACOBBI:2004:102).

No início do século XIV, os bicos dos sapatos começaram a ficar cada vez mais ousados. Neste momento, têm-se então a reafirmação de valores como beleza e elegância (o que era belo e elegante aos olhos das pessoas daquela época) em detrimento do conforto e da proteção. Assim, o Rei Eduardo II, no final do século XV, acaba por decretar que o bico de um sapato não poderia exceder a 2 polegadas. Tal medida não teve sucesso, pois nem mesmo seu neto e sucessor, Ricardo II, a respeitava, utilizando calçados que atingiam até 18 polegadas de bico (UNIVERSO DA MULHER:2005).



Ilustração 24: Exemplo de calçado ocidental usado pelas classes abastadas entre os séculos X e XV (SAPATOS ON-LINE:2005).

No final do século XV e início do século XVI, calçados pontiagudos foram, por decreto real, proibidos. Registros históricos desta época revelam que tal fato se deu porque o então Rei da Inglaterra, Henrique VIII, possuía os pés largos, inchados e doloridos e, por conseguinte, sentia-se confortável apenas com chinelos ou calçados mais largos. Os chinelos, que foram populares até o início da idade média, mais uma vez popularizaram-se, pois por serem simples, podiam ser adquiridos por membros de qualquer classe social. Esse tipo de calçado tinha como principal característica a simetria, por não apresentar distinção entre o pé esquerdo ou direito (UNIVERSO DA MULHER:2005).

Um dado muito interessante diz respeito ao fato de que, até o século XVII, a base superior do calçado de salto alto, também chamada bandeja do salto, estendia-se até o meio da abóbada do pé e depois verticalizava-se abruptamente. Tal característica tornava os calçados de salto alto muito incômodos e impopulares. Então, sapateiros europeus descobriram que se fosse encaixada uma estrutura de aço dentro dos calçados, ela não só suavizaria as agressivas angulações na bandeja do salto, como permitiria que saltos muito mais altos e delicados fossem anexados a estrutura do calçado (RUIZ:2004).



Ilustração 25: Típico calçado Inglês de 1890 – tal calçado verticaliza-se de forma abrupta após a bandeja do salto (O'KEEFFE:1996:87).

Deste modo, as delicadas e apertadas botas de abotoaduras e bicos finos, que se tornaram populares entre os mais abastados, na França no século XVII cedem lugar aos sapatos de saltos mais altos, que com Luís XV, no século XVIII, adquiriram *status* soberano – saltos vermelhos tornaram-se exclusividade da nobreza francesa. Relatos narram que mais tarde algumas damas da corte francesa por utilizarem chinelos de saltos excessivamente altos - de até 13 cm - necessitavam do apoio de bengalas ou mesmo de dois criados para andar ainda que cambaleantes passos – bastante similares ao andar cambaleante das chinesas, quando andavam com seu *Lótus Chinês*.



Ilustração 26



Ilustração 27

Ilustrações 26 e 27: Diferentes modelos do “Sapato de Lótus” ou “Lótus Chinês”. O modelo da esquerda é do século XIX (JACKSON:1997), e o da direita é do século XX (POTIER:2003).

A origem dos saltos altos, segundo Löbach (1981), remonta ao império mongol. Botas com saltos e bicos eram utilizadas pelos cavaleiros mongóis para prenderem-se aos estribos. O bico funcionava como guia e o salto como batente no estribo (apud LINDEN:2004:116). A França de Luis XV resgatou tal símbolo, não com a intenção prática original, relacionada à cavalaria, mas claramente com a intenção de distintivo social relacionado a poder, superioridade (O'KEEFFE:1996:147).

O século XVIII foi rico em fantasias fetichistas associadas a sapatos delicados. Até mesmo o famoso romancista Gustave Flaubert, em sua obra *Madame Bovary* valeu-se de metáforas relacionadas a sapatos para falar de sedução (O'KEEFFE:1996:151).

"O meu olhar se prenderá aos teus sapatos. Amo-os como te amo a ti (...). Aspiro o seu perfume, o seu aroma de verbera"

(Gustave Flaubert)

Com a queda da Bastilha, em 1789, símbolos da nobreza desaparecem por um bom tempo. Os sapatos altos de outrora cedem então lugar as sapatilhas rasteiras, não menos luxuosas ou carregadas de simbologias elitistas (O'KEEFFE:1996:87).

No final do século XIX, os calçados masculinos e femininos começaram a se diferenciar. Os saltos voltam discretamente nas botinhas ricamente bordadas das senhoras, mas somente após o final da Primeira Guerra Mundial, por volta de 1920, as sandálias de salto reaparecem (HOLLANDER:1996 apud LINDEN:2005:117; RUIZ:2004).

Alguns anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, a moda francesa já se destacava.

"Representava o máximo em estilo e Requite. Milionários do mundo inteiro iam a Paris para compor seus guarda roupas. Casas de moda de todos os lugares inspiravam-se nas coleções francesas, copiando modelos e materiais."

(LERNER, Miriam in VEILLON:2004).

Assim sendo, não seria leviandade concluir que, apesar das duas grandes guerras que marcaram o século XX terem exercido influência sobre a moda mundial, a Segunda Guerra exerceu influência de forma mais significativa, pois atingiu Paris, a capital mundial da moda naquele momento, de forma flagrante.

“O armistício assinado em 22 de junho (de 1940) sacramenta a derrota francesa e serve de parâmetro para as relações franco-alemãs.”

“Antes do final de 1940, surpresa e às vezes indignada, a maioria dos franceses descobre os rigores da derrota e, a contragosto, adota uma nova maneira de viver (...). Com isso a população é obrigada a improvisar com os recursos disponíveis e se adaptar a situação.”

(VEILLON:2004:.48 e 55)

As restrições ao couro, à comida, ao combustível, entre outras coisas, forçaram os franceses a conciliar elegância, frio e escassez. Calçados em couro tornaram-se, então, artigos racionados, pois a produção, nem de longe, dava conta da demanda. No verão que sucedeu o armistício as alpargatas, sandálias de praia e tamancas de madeira apresentaram-se como solução prática e viável, entretanto, no inverno o problema agravou-se (VEILLON:2004:85).

“Uma pesquisa, realizada em novembro de 1940 junto a 7.000 sapateiros da região parisiense põe em foco as dificuldades que enfrentam para trocar corretamente as solas dos sapatos que lhes são confiados, exatamente no momento em que, em virtude das novas condições de vida, o número de consertos não para de crescer.”

(VEILLON:2004:77)

Consertos paliativos, entretanto, em certo momento, tornaram-se insuficientes e alternativas experimentais como solas de madeira e solados de borracha surgem como último recurso (VEILLON:2004:78).



Ilustração 28: Anúncio da sola Smelflex, 1943. “Leveza, flexibilidade, conforto, economia, facilidade de colocação”. A publicidade anuncia uma sola flexível para ser adaptada a sapatos com solado de madeira (VEILLON:2004:142).

A provação das filas do racionamento, que começavam a ser formadas de madrugada, exigia grande resistência e criatividade dos franceses, que precisavam enfrentar temperaturas de até -10°C . Palmilhas a base de cortiça e fórmulas a base de farinha de mostarda para manter os pés aquecidos, dentro dos calçados de tecido e feltro (materiais não proibidos) transformaram-se então em hábito comum (VEILLON:2004:57,65,67 e 97).

O final da Segunda Grande Guerra chega repleto de anseios, angústias e desejos de superação, mudança; todavia a recessão que se segue após 6 de junho de 1944 obriga a indústria da moda a manter os duros e masculinizados padrões de guerra por mais algum tempo.

Finalmente, em fevereiro de 1947, ainda em plena recessão, Christian Dior rompe com os padrões da “moda de guerra” ao lançar uma inovadora coleção, batizada de “*New Look*” por Carmel Snow, diretora da Revista Harper’s na época. Tal coleção rompe com o antigo estilo ao propor, para a mulher, uma postura agressiva, contudo feminina (VEILLON:2004:236). Os calçados associados a este estilo “*New Look*” apresentavam salto alto e bico fino, e, antecipariam o que mais tarde se chamaria *Stiletto* (RUIZ:2004).

Atualmente, no mercado, é possível encontrar-se calçados de diversas formas, para atender a inúmeras funções, mas na realidade, de acordo com

Pamela Gerardi, Curadora do Peabody Museu de Arqueologia e Etnologia de Boston, tais calçados não apresentam *designs* propriamente inovadores. O *design* dos calçados atuais, segundo Gerardi é, na verdade, inspirado em elementos de sedução e estilo, atribuídos a várias épocas (POTIER:2003).

Salvatore Ferragamo, Dior, Manolo Blahnik, Roger Vivier e Vivienne Westwood, estes são nomes de algumas marcas de *design* de sapatos famosas atualmente. Suas produções conquistaram o mercado, reciclaram estilos e, por vezes, ressuscitaram antigas formas que privilegiavam constrição, desconforto em detrimento do conforto ou de conceitos ergonômicos. Mas porque isso? Ora, talvez porque, na verdade, “*nem todos os calçados sejam feitos com o propósito de servirem a caminadas*”¹!

3.2

Uso: razões simbólicas

Cada cultura tem sua forma peculiar de representar, através de signos e símbolos, seus valores e elementos inerentes à realidade social e a criação intelectual, científica ou artística (COSTA:2002:14). A vestimenta, a maquiagem, os adornos e também os calçados utilizados pelos membros de cada grupo, cultura ou sociedade são carregados de significações. Porém, às vezes, a subjetividade com a qual certas culturas tratam seus objetos cotidianos como calçados, por exemplo, ultrapassa qualquer senso prático e objetivo (RUIZ:2004). É dentro deste contexto que O'KEEFFE destaca que os sapatos não são apenas invólucros para os pés. Eles, na verdade, há muito, transcenderam esse conceito e se tornaram sinalizadores sociais, símbolos de passagem, objetos de sedução, fetiche ou poder (O'KEEFFE:1986:101).

Diversas culturas revelam intrincada rede de significações e rituais relacionados aos calçados através de seus registros históricos, desenhos e impressões semióticas. Um relato, quase que constante, em diversas culturas diz respeito à existência de pés pequenos e delicados em sapatos ornamentados. Por exemplo, Afrodite, a deusa grega do amor, era frequentemente representada apenas com um par de delicadas sandálias nos pés. Já Madame Bovary, era descrita por Gustave Flaubert como uma mulher de comportamento e sapatos

sedutores. Enquanto Tutamkhamon era retratado, através de desenhos da arte egípcia, com sandálias ornamentadas que simbolizavam *status* e poder (RUIZ:2004).

“A prática da decoração de calçados é tão antiga quanto os calçados.”

*Pamela Gerardi,
Curadora do Peabody Museu de Arqueologia e Etnologia de Boston
(POTIER:2003)*

Algumas culturas, entretanto, chegaram a extremos na exaltação de uma forma delicada para os pés. Os famosos sapatos chineses conhecidos como “Lótus Chinês” são um dos exemplos mais conhecidos. Pequenininos e pontudos sapatos de até 3,9 polegadas, ou 10 cm de comprimento, repletos de signos, símbolos e ornamentos eram consagrados como padrão de beleza entre as famílias da classe alta na China do século XIV ao início do século XX. Para que mulheres chinesas adultas pudessem calçar tais sapatos, entretanto, um longo e doloroso processo de amarrações precisava se dar nos pés das meninas a partir dos três anos de idade (RUIZ:2004; THE VIRTUAL MUSEUM OF THE CITY OF SAN FRANCISCO:2005).



Ilustração 29: “Chinese Girl with Bound Feet”. Fotografia do século XIX de uma menina chinesa, tirada em São Francisco que usa “sapatos de Lótus” de 3 polegadas, ou 7,62 centímetros (THE VIRTUAL MUSEUM OF THE CITY OF SAN FRANCISCO:2005).

Harrison, escritora e romancista, em seu romance “Com os Pés Atados” narra a história de May, uma jovem chinesa do século XIX, integrante de uma casta de mulheres que possuem os deformados “pés de Lótus”. Neste livro, Harrison descreve situações que revelam tradições e significações que valem ser destacadas no intuito de exemplificar como uma cultura, neste caso a chinesa, valeu-se dos sapatos como símbolos de passagem, fetiche e também poder (HARRISON:2001).

“Então Yu-ying levou May para seu quarto, onde a sentaram numa cadeira vermelha decorada com caracteres de obediência, prosperidade e longevidade. Pegou os sapatos de May e atirou-os no fogo, e quando eles arderam até as cinzas ela trouxe uma tigela de água morna perfumada com jasmim e colocou-a sob os pés de May (...).”

“A água deixou May sonolenta e ela fechou os olhos. Quando os abriu, sua avó estava em pé diante dela com um par de chinelos de seda com borboletas bordados na altura dos artelhos (...).”

(p.30)

“Yu-ying pegou o pé esquerdo da menina e secou-o. Cortou suas unhas e salpicou-o com pedra-ume; então pegou uma ponta da bandagem branca e segurou-a do lado de dentro do arco e de lá puxou a tira de pano pôr cima do arco do pé de May e sobre seus quatro dedos menores, para que se curvassem para baixo, para dentro da sola. Então Yu-ying puxou a bandagem bem apertada à volta do calcanhar e depois sobre o arco e os dedos novamente, fazendo camadas de hábeis figuras de oito. Quando terminou, apenas o dedão do pé de May fora deixado livre. Sob sua unha ela podia sentir o latejar do sangue (...).”

“Obediente, May não disse nada enquanto a avó enfaixava-lhe os pés, mas quando Yu-ying colocou o primeiro par de sapatos de treinamento e disse a May que ficasse em pé e caminhasse para o aposento da mãe, ela recusou (...).”

(p.31)

“A cada três dias, os pés de May eram lavados e enfaixados novamente. Cada mês ela usava um sapato menor. Yu-ying tinha uma régua de marfim esculpido com que media os pés de May. O marfim era marcado não em centímetros, mas em gradações de prazer que os pés de May podiam um dia despertar. Titilação. Conforto. Satisfação. Deliciamento. Bem-aventurança. Êxtase. Enquanto May progredia através de medidas de enfeitiçamento, os ossos em seus artelhos eram lentamente, inexoravelmente, quebrados. A pele dos seus pés apodreceu e se regenerou. Os músculos de suas panturrilhas, anteriormente fortes, encolheram-se; a carne de suas coxas afrouxou e se espalhou. Foi necessária uma dúzia de pares de sapatos sucessivamente menores para May conseguir caber nos chinelos de cetim com borboletas (...).”

(p.34).

Na história do “Lótus Chinês” observa-se uma intrincada simbologia onde o prazer, o desejo e a sexualidade são deslocados, através de um longo e árduo processo, do corpo para um objeto, nesse caso o sapato (STEELE:1997:97). Tal relação, todavia, não foi observada exclusivamente na China. Na Turquia do século XIII, saltos excessivamente altos eram bastante populares; enquanto na Inglaterra os bicos finos foram destaque durante os séculos XV e XVI; e na Europa a partir de meados do século XX os calçados oblíquos de bicos finos tornaram-se sinônimo de classe e elegância (POTIER:2003).



Ilustração 30: Quadro intitulado Judy Garland, 1956, por Andy Warhol (1928 – 1987) (HONNEF:2000: 9).

Os sapatos adquiriram um cabedal de singularidades, para por fim, no século XX, com Andy Warhol², serem absorvidos pela arte contemporânea, que então se apoderou de suas potencialidades formais e metafóricas (RUIZ:2004). Hoje, como em um contínuo processo dialético, continuam influenciando e sendo influenciados pela cultura contemporânea. Entretanto, vale destacar que o valor de um calçado, ainda hoje, não está associado a conceitos ergonômicos ou a saúde, mas a uma série de questões subjetivas relacionadas a esta mesma cultura contemporânea (JACOBBI:2004:109).

3.3

O sapato e a questão do fetiche a luz de Freud

A referência mais antiga que se tem a respeito do termo “fetiche” data de 1613, de uma obra inglesa chamada “*O Pilgrimage*”, de Purchas. Entretanto o termo fetiche começa ser usado pela antropologia apenas a partir de 1760, para se referir a supostos objetos dotados de poderes mágicos e, posteriormente, para embasar teorias a respeito de religião. Apenas mais tarde a psicologia apodera-se deste termo para relacioná-lo a perversão. O fetiche, segundo SEBOK (1988), passa a ser visto, então, como algo vergonhoso que deve ser controlado socialmente através de sanções (apud RUIZ:2004).

O sexólogo Von Krafft-Ebing é quem, pela primeira vez, faz menção ao fetiche como uma “perversão” em seu Livro *Psychopathia Sexualis*, e o define como *“A associação de desejo ardente com a idéia de certas partes da pessoa feminina, ou certos artigos do vestuário feminino”* (apud STEELE:1997:19).

Posteriormente Sigmund Freud, em seu ensaio sobre “Fetichismo”, elabora uma definição menos “sexista”, que diz respeito à atribuição de poder a um objeto inanimado, mas por transferência do desejo do corpo (STEELE:1997:23). Tal objeto teria a incumbência de re-simbolizar o corpo, mesmo que às custas de torturas e privações (FREUD:1974: Vol. XXI:179-185 apud LIMA:2003).

Lima, a partir de um ponto de vista freudiano, destaca que *“em qualquer ocasião, o significado e a finalidade do fetiche demonstraram ser os mesmos, durante a análise. O fetiche é um substituto do pênis: o pênis da mulher (mãe) em que o menino antes acreditava e o qual não queria abandonar. O fetiche torna-se um símbolo de triunfo sobre a ameaça de castração e serve de proteção contra ela”*. Pois que se a mãe for castrada, isso simbolizará sua própria castração (LIMA:2003).

Segundo Steele, de acordo com Freud, a única maneira pela qual o fetichista adulto pode superar sua *“aversão aos verdadeiros genitais femininos”* é *“dotando mulheres de características que fazem delas objetos sexuais toleráveis”*. O objeto de fetiche realmente funciona como *“uma prova de triunfo sobre a ameaça da castração e uma proteção contra ela”* (STEELE:1997:23).

Mas como poderia um sapato re-simbolizar o corpo a ponto de tornar-se o pênis da mulher?

A resposta é dada por May, a protagonista do romance “*Com os Pés Atados*”, de Kathryn Harrison.

“O sofrimento não era o destino das mulheres? Afinal da contas, ele próprio usufruía o casamento com uma mulher esperta e delicada - uma mulher cujo pé, inteiro, ele podia receber no reto, mesmo quando a mão esquerda dela segurava seus testículos, a direita apertava o eixo do seu pênis e a boca molhava-lhe a glândula (...)”.

(HARRISON:2001:33)



Ilustração 31: “Bound Feet, Little Shoe”. Foto de uma jovem chinesa de boa família com pés pequenos. A data da foto é desconhecida (TAI-D DOT COM:2003).

O desejo estava relacionado um diminuto e deformado pé, coberto pelos mais belos e delicados sapatos que seriam usados pelo resto da vida daquelas chinesas, até mesmo para se dormir. Era uma verdadeira “lingerie-sapato”, que escondia o que aos olhos ocidentais seria reconhecido como uma monstruosa atrocidade (RUIZ:2004).

Entretanto, práticas fetichistas relacionadas a calçados restritivos não foram observadas apenas na China. Na Inglaterra do século XIX, a obsessão por pés de

aparência delicada e pequena, encaixados dentro de sapatos com bicos afilados e saltos altos, acarretava pés deformados, unhas destruídas, dedos montados e muitas vezes até parcialmente apodrecidos (MONTEIRO:1999:2). E, enquanto na China a instituição do regime comunista representou o fim do pé de Lótus, o capitalismo continuou a apoiar as constrições e elevações em nome da vaidade.

"Saltos altos, em particular, têm sido explicitamente comparados aos pés atrofiados por amarração".

(STEELE:1997:97).



Ilustração 32: "Child with lotus shoes". Fotografia do século XIX de uma menina chinesa com "Pés de Lótus" sendo carregada pelas ruas da cidade de São Francisco em 1900 (THE VIRTUAL MUSEUM OF THE CITY OF SAN FRANCISCO: 2005).

Assim, na China, enquanto "calçados fetichistas", a partir da segunda metade do século XX, viraram objetos de museu e vergonha (O'KEEFFE:1996:294); na França, a partir da década de 1950, ressurgiram, com os "Stiletos", para reafirmar a tradição da forma em detrimento do conforto. Esse modelo de calçado, uma derivação do estilo *New Look* proposto por Dior em 1947, foi na verdade inspirado em uma série de imagens do passado, e propunha

uma mulher mais verticalizada e agressiva. Os “Stiletos” apresentavam pontudos saltos de 10 cm; ângulos agressivamente radicais; além de um bico tão fino que se sugeria às que ousavam calçá-los colocar os pés antes no gelo por alguns minutos (RUIZ: 2004).

“As mulheres passaram a apertar seus pés em estreitos sapatos finos de couro liso. Torções e joanetes terríveis marcaram toda uma geração”.

(STEELE:1997:97).

O conforto ainda é um dos aspectos menos considerados no estudo e desenvolvimento de calçados, talvez por isso, ainda hoje, muito pouco exista elaborado a respeito do assunto. Nenhuma outra parte de corpo tem sido, por isso, tão maltratada pela moda e pelo desconhecimento quanto os pés (CTCCA:1994:Vol.II:15 apud MONTEIRO:1999:154).

Assim, tem-se que a frase de RUIZ (2004), utilizada para descrever o famoso “Lótus Chinês”, não poderia ser mais própria para descrever a relação pés-sapatos observada atualmente nos países capitalistas, principalmente no que diz respeito aos calçados femininos:

“A mutação do corpo, o flagelo transformado em objeto de desejo, fez do sapato um fetiche para cobrir e esconder e, mais que isso, divinizar o pé”.

(RUIZ:2004).

3.4

Conclusão do capítulo 3

Cada cultura apresenta suas peculiaridades através de seus signos, símbolos ou artefatos. Vestimentas e adornos, bem como os calçados utilizados pelos membros de cada grupo, revelam seus valores e suas peculiaridades. Os calçados, em especial, protagonizaram em diversas culturas papel de distintivos sociais, transcendendo significações aparentes para expressar de seus desejos mais mórbidos aos seus valores mais questionáveis.

Historicismos³ à parte, tanto pelo Oriente, quanto por todo o Ocidente a exaltação de calçados de *design* restritivo, em detrimento do conforto e da proteção, fez-se presente. Ainda hoje, o conforto não é algo priorizado nos calçados. De certo que não se observam mais, em membros da classe média e alta, deformidades propositais causadas por dolorosos processos de amarração ou constrição; mas ainda são freqüentes protuberantes hálux valgus⁴, bem como calosidades, unhas encravadas e dedos montados graças aos calçados restritivos. Desta forma, pode-se dizer que bem como na história do Lótus chinês, também na história dos sapatos ocidentais, observa-se uma intrincada simbologia onde prazer, desejo e sexualidade estão presentes por transferência do corpo. É a reafirmação do fetiche, e a valorização do *design* em detrimento de diversos conceitos ergonômicos.

¹ Afirmação final inspirada no título da matéria “These shoes were made for walking?”, da Harvard University Gazette (POTIER: 2003).

² Andy Warhol (1928-1987): Artista Americano de origem Checa. Principal figura da “Pop Art”, que emergiu nos anos 50 (LAROUSSE CULTURAL: 1998).

³ Historicismo significa examinar os fenômenos como produto de um determinado desenvolvimento histórico, de forma linear, do ponto de vista de como apareceram, evoluíram e chegaram a seu estado atual (ROSENTAL & IUDIN: 1972).

⁴ Hálux valgus, vulgarmente chamado joanete, é uma deformação óssea que pode estar presente desde o nascimento, mas normalmente surge em pessoas com a estrutura do arco do pé instável, após uso insistente de calçados inadequados (AGENDA SAÚDE:2002).

3.5

Referências bibliográficas do capítulo 3

AGENDA SAÚDE. Enciclopédia > Condições e Doenças > **Joanete**. Agenda Saúde, 2002. Disponível em <<http://www.agendasaude.com.br>>. Acesso em: 24 set. 2005.

B&C ANTIQUES. Chinese *Embroidered Altar Shoes for Foot Binding*. B & C Antiques, 1998. Disponível em <<http://www.trocadero.com/stores/bnc19/items/389335/item389335.html>>. Acesso em: 09 set. 2005.

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher: um estudo da arte brasileira**. Editora SENAC RJ, Rio de Janeiro, 2002.

HARRISON, Kathryn. **Com os pés atados**. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

HONNEF, Klaus. **Andy Warhol - 1928 - 1987: a comercialização da arte**. Paperback, 2000.

JACKSON, Beverley. *Splendid Slippers: A Thousand Years of an Erotic Tradition*. Ten Speed Press, Maine (ME) USA, 1997.

JACOBBI, Paola. **Eu quero aquele sapato**. Objetiva, Rio de Janeiro, 2004.

LIMA, Osmar Brina. **Fetichismo**. Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Minas Gerais, 2003. Disponível em <<http://www.obcl.com.br/textos/psi/psi011.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2005.

LINDEN, Júlio Carlos de S. Van Der. **Um Modelo Descritivo da Percepção de Conforto e de Risco em Calçados Femininos**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), UFRGS, Porto Alegre, 2004.

MONTEIRO, Valéria Alvim. **Ergonomia, design, e conforto no calçado feminino**. Dissertação (Mestrado em Artes e Design), PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1999.

NATIONAL GEOGRAPHIC. *Photo of Day*. National Geographic, 2002. Disponível em <<http://lava.nationalgeographic.com/cgi-bin/pod/PhotoOfTheDay.cgi?day=29&month=9&year=02>>. Acesso em: 09 set. 2005.

PACE, Ana Emília et al. **O conhecimento dos familiares acerca da problemática do portador de diabetes mellitus**. Rev Latino-am Enfermagem, 11(3):312, maio-junho de 2003. Disponível em <www.eerp.usp.br/rlaenf>. Acesso em: 31 ago. 2005.

PEDROSA HC, NERY ES, SENA FV, NOVAES C, FELDKIRCHER TC, DIAS MSO, et al. **O desafio do projeto Salvando o Pé Diabético**. Terapêutica em Diabetes, 4 (19):1-10, 1999.

POTIER, Beth. *These shoes were made for walking?* Harvard University Gazette, 2003. Disponível em <<http://www.news.harvard.edu/gazette/2003/02.06/26-shoes.html>>. Acesso em: 09 set. 2005.

ROSENTHAL & IUDIN. **Dicionário Filosófico - G a L**. Editorial Estampa Ltda, Lisboa, 1972.

RUIZ, Renato da Silva. **Sapatos: imagem fetiche na arte contemporânea**. Revista, Pos LPC, CEARTE – UDESC, Santa Catarina, 2004. Disponível em: <http://www.udesc.br/centros/ceart/hp/Pos_Graduacao/Revista/Pos-LPC/artigos/renato_ruiz/sapatos.htm>. Acesso em: 23 jan. 2005.

SAPATOS ON-LINE. **História**. Sapatos On Line, 2000. Disponível em: <<http://www.sapatosonline.com.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2005.

TAI-D DOT COM. *The old Chinese custom of foot binding*. Tai-D Dot Com Inc, 2003. Disponível em: <<http://www.thai-d.com/siam-china/>>. Acesso em: 09 set. 2005.

THE VIRTUAL MUSEUM OF THE CITY OF SAN FRANCISCO. *Chinese Girl with Bound Feet*. Disponível em <<http://www.sfmuseum.org/chin/foot.html>>. Acesso em: 31 ago. 2005.

UFG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS. **Dia do Sapateiro**. Disponível em <<http://www.ufg.br/datas/1801>>. Acesso em: 01 jun. 2004.

UNIVERSO DA MULHER. **Sapatos pelo Mundo**. AIT (Advice Internet Technologies). Disponível em <http://www.universodamulher.com.br/index.php?mod=mat&id_materia=4546>. Acesso em: 20 set. 2005.

VEILLON, Dominique. **Moda e guerra – um retrato da França ocupada**. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2004.